

ESPORTES

ENTREVISTA
EMERSON FERRETTI

No Dia do Orgulho LGBTQ+, presidente do Bahia comenta ao **Correio** os desafios da comunidade no ambiente do futebol e relembra caminhada solitária em um meio marcado pelo preconceito

“A gente fala sobre respeito”

DANILO QUEIROZ

Reflexo da sociedade na qual está inserido, o futebol é um ambiente sem barreiras estabelecidas contra o preconceito. Naturalizadas na “cultura de arquibancada”, as discriminações entram em

campo disfarçadas de piadas ou provocações. A homossexualidade é munição nas mãos (e vozes) de quem ofende. Os cânticos, quase sempre, são esquecidos quando a bola para de rolar. A não ser para quem, de fato, sofre com isso. No Dia do Orgulho LGBTQ+, Emerson Ferretti, presidente do clube

associativo do Bahia, endossa o protagonismo de ser referência na luta por respeito.

Ex-goleiro revelado pelo Grêmio e com passagem vitoriosa pelo Tricolor de Aço, Emerson se tornou o primeiro presidente das equipes do Campeonato Brasileiro assumidamente gay. Nos gramados, ficou

marcado pelo idolatria construída em 276 jogos, principalmente nas campanhas dos títulos do Campeonato Baiano de 2001 e do bi da Copa do Nordeste em 2001 e 2002. No início do século, ganhou a Bola de Prata de melhor da posição no país. Agora, aos 52 anos, assume a missão de deixar um novo legado

no clube, mas aliado a uma missão ainda mais nobre.

Emerson se declarou publicamente gay em 2022, depois de anos sofrendo por não poder ser ele mesmo. As amarras do futebol não permitiam. Agora, encontra forças na história de vida para entender a importância de estar na linha de

frente da luta contra o preconceito no esporte. A pauta principal da caminhada é o respeito de escolha em qualquer área da vida, mas a caminhada tem poder de realizar uma transformação muito maior no esporte que aprendeu a amar. Mesmo cercado por tanto ódio e preconceito enquanto profissional.

O futebol é um meio hostil para qualquer minoria e você abraçou o papel de referência na luta contra a homofobia. Como enxerga essa missão?

O objetivo foi exatamente esse. Quando há quase dois anos eu resolvi abordar publicamente sobre minha sexualidade e me tornei o primeiro atleta no futebol brasileiro a falar abertamente, já foi um pioneirismo, um rompimento de bolha. Depois de me tornar presidente do Bahia, reforçou ainda mais essa missão que parece que caiu no meu colo e eu resolvi abraçar. Porque não se falava sobre isso. Havia um silêncio grande sobre o assunto no futebol. Sempre houve.

E qual é o sentimento de falar abertamente sobre o tema?

Sempre teve gay, pessoas LGBTQ em várias funções no futebol. Todos precisaram esconder, se proteger para sobreviver. E ninguém falava sobre isso como se não tivesse pessoas LGBTQs. Alguém precisava quebrar esse silêncio, trazer luz a esse assunto, provocar essa discussão. Quando eu entendi isso, entendi que eu poderia ajudar na evolução do futebol. Ainda está muito atrasado nessa questão. Você fala que o futebol é muito hostil com as minorias e cita os negros. Hoje, negros e mestiços são a maioria da população e são tratados dessa forma no futebol. Como pode isso? A gente precisa se manifestar, lutar para que haja respeito. Eu gosto muito dessa palavra, porque a sexualidade das pessoas não interfere na competência.

Acredita que sua história pode servir de força para quem atravessa a mesma situação?

Quando eu conto a minha história, é justamente para isso. Hoje, o futebol brasileiro tem uma referência. Os garotos LGBTQs que sonham em jogar futebol, que têm talento, podem olhar e dizer assim: ‘se o Emerson pode, é sinal que a gente também pode’. E eu acho que dessa forma é também fazer com que o restante do futebol tenha respeito às pessoas, independente da questão religiosa, da cor, da sexualidade. A gente fala sobre respeito.

E se trata também de uma quebra de paradigmas...

Quando eu trago a minha história a público, de um goleiro que foi de Seleção Brasileira de base, que jogou em clubes grandes, que ganhou títulos nacionais relevantes, se tornou ídolo, mostra que, mesmo sendo um atleta LGBTQ, eu pude ter tanto sucesso e ser tão competente como qualquer outro. Não é isso que interfere. Desconstrói muitas máximas que são repetidas. Que gay não tem virilidade para ser jogador, o que é uma mentira. A virilidade não está na sexualidade. Eu conheço muito hétero que não tem

Arquivo pessoal/Instagram



virilidade para jogar. Precisa ser talentoso e ser competitivo. É outra máxima que é repetida que se tiver um jogador gay dentro de um clube, vai criar problema em um vestiário. É uma mentira. Fui atleta quase 30 anos, frequentei vestiários e nunca criei problema nenhum.

Os vestiários sempre foram fechados ao tema. Como você lidava com essa questão nos clubes em que jogou?

Foi bem complicado. Eu entrei no futebol com 8 anos na base do Grêmio. Desde antes de eu me entender como um homem gay, eu era atleta de futebol. O esporte veio na minha vida antes do entendimento da minha sexualidade. Logo percebi que, dentro do futebol, isso não era tolerado. Tive que montar um personagem para sobreviver.

Esse cenário tóxico te causava alguma frustração?

Eu até já falei algumas vezes: deixei de ser o Emerson para ser o Emerson goleiro e realizar meu sonho de criança de me tornar

SÉRIE A

	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Flamengo	24	12	7	3	2	20	11	9
2º Bahia	24	12	7	3	2	20	13	7
3º Botafogo	23	12	7	2	3	20	12	8
4º Palmeiras	23	12	7	2	3	16	9	7
5º Cruzeiro	20	11	6	2	3	15	14	1
6º Atlético-PR	19	12	5	4	3	15	10	5
7º São Paulo	18	12	5	3	4	17	14	3
8º Bragantino	18	12	5	3	4	16	14	2
9º Internacional	17	10	5	2	3	9	7	2
10º Atlético-MG	17	11	4	5	2	17	15	2
11º Fortaleza	17	11	4	5	2	11	11	0
12º Juventude	16	11	4	4	3	14	15	-1
13º Criciúma	12	10	3	3	4	17	18	-1
14º Cuiabá	12	12	3	3	6	13	16	-3
15º Vitória	12	12	3	3	6	14	19	-5
16º Vasco	10	12	3	1	8	12	24	-12
17º Atlético-GO	10	12	2	4	6	10	15	-5
18º Corinthians	9	12	1	6	5	9	13	-4
19º Grêmio	7	10	2	1	7	12	5	7
20º Fluminense	6	12	1	3	8	10	20	-10

profissional. Eu precisei criar um personagem para sobreviver o dia a dia do futebol. Foi duro, foi solitário. Várias vezes tive depressão. Minha saúde mental foi prejudicada. Várias vezes pensei em abandonar, desistir. Mas eu segui sempre. Parei aos 35 anos, quando eu resolvi parar. Essa questão não me impediu, graças a Deus. E hoje eu posso contar a minha história de cabeça

12ª RODADA

Quarta-feira
Cruzeiro 2 x 0 Atlético-PR
Botafogo 2 x 1 Bragantino
Corinthians 1 x 1 Cuiabá
Atlético-GO 1 x 1 Grêmio
Juventude 2 x 1 Flamengo
Internacional 1 x 2 Atlético-MG
Bahia 2 x 1 Vasco
Fortaleza 3 x 0 Palmeiras
Ontem
Fluminense 0 x 1 Vitória
São Paulo 2 x 1 Criciúma

» Flu afunda na crise

O Fluminense foi derrotado por Vitória, por 1 x 0, ontem, com gol de Janderson, nos últimos minutos no Maracanã. A partida foi a primeira da equipe desde a demissão do técnico Fernando Diniz. O dono da prancheta ontem foi o auxiliar Marcão. A noite teve desfecho diferente para outro tricolor. No Morumbi, o São Paulo bateu o Criciúma por 2 x 1 e diminuiu a instabilidade após duas derrotas seguidas.

erguida, justamente porque enfrentei tudo isso. Mas não foi fácil, porque era como se eu fosse um elemento estranho naquele contexto.

Como era a convivência com os outros atletas?

Na época em que eu jogava, eu não tinha assumido e ninguém tinha certeza de nada. Mas era difícil. Eu acabava não

acompanhando os outros atletas em baladas. Nunca apareci com namorada. Isso incitava comentários.

Acredita que houve evolução em como o futebol encara a questão?

A sociedade, em muitos aspectos, evoluiu. A gente não vive mais o que era na década de 1980, quando ser gay era considerado uma

doença. O homossexualismo tinha classificação na OMS. Avançamos muito nesse entendimento. Temos governador de estado assumido (Eduardo Leite, do Rio Grande do Sul). O futebol caminha dois passos atrás, mas tem avanços. Minha declaração é um deles. Até dois anos, não se tinha uma referência. O futebol atrai o que se vê na sociedade.

Após se assumir, algum atleta te procurou para se abrir?

Não. Eles não se sentem confortáveis para falar sobre. É tudo muito escondido. Quem é ex-atleta, não tem interesse em abrir isso depois de parar. Quem está na ativa, não se sente confortável. Se algum atleta em atividade assumir, a carreira corre sério risco de ser comprometida. Mesmo procurando um ex-atleta declarado, como eu, preferem o silêncio do que correr o risco de serem descobertos.

O fato de o Bahia ser um clube inclusivo e combativo em causas sociais te encorajou a concorrer em um cargo visado como a presidência?

Sou fã do Bahia não por ser tricolor desde que vim jogar aqui, mas o time entendeu primeiro que todos os outros clubes a importância de se posicionar e respeitar as escolhas. Por aí, o Bahia é um grande exemplo e referência. O posicionamento, que começou em 2018, ajudou a torcida a eleger um presidente LGBTQ. Começaram a educar a ponto de consolidar efetivamente com a minha eleição. Mas não foi isso que me motivou. Talvez, o ambiente respeitoso tenha ajudado, mas não foi o ponto. Foi mesmo uma reflexão pessoal de que eu poderia deixar um legado fora de campo também, trazer essa discussão e ajudar o futebol a evoluir de outra forma, que não fosse como atleta. Quando me assumi, não tinha claro a ideia de concorrer. Poderia até ter atrapalhado minha caminhada. Logicamente ajudou, mas não foi o ponto principal.

Qual mensagem gostaria de deixar à comunidade?

Volto a falar em respeito. As pessoas precisam fazer isso, independente das escolhas diferentes. O futebol precisa entender isso. A gente é competitivo nas quatro linhas, mas somos seres humanos. O ambiente não pode ser um cenário de guerra, em que se precisa matar o outro. Precisa competir e respeitar.

Seu coração está batendo mais feliz com a campanha do Bahia?

Muito feliz. O Bahia não ficava nas primeiras colocações há décadas. A última vez que ficou entre os 10 primeiros da Série A foi em 2001 e eu era goleiro do clube. Ficamos em oitavo. Desde o título de 1988, o Bahia não fica entre os primeiros. Estou muito feliz que esteja acontecendo durante o meu mandato.

Giro esportivo

Wagner Carmo/CBat



Troféu Brasil

O brasileiro Caio Bonfim venceu a prova de 20km de pista do Troféu Brasil de Atletismo e bateu o recorde sul-americano com 1h19min52s. Ele está classificado para os Jogos de Paris-2024.

Fivb



Vôlei

A Seleção Brasileira foi derrotada por 3 sets a 1 pela Polônia (parciais de 18/25, 25/23, 25/22 e 25/16) e se despediu da Liga das Nações nas quartas de final. Haverá chance de revanche na Olimpíada.

Jewel Samad/AFP



Atletismo

A jamaicana Elaine Thompson-Herah, bicampeã olímpica dos 100m e 200m, perderá a chance de defender o título em Paris-2024, devido a uma lesão no tendão de Aquiles: “Estou magoada e arrasada”.

CBB



Basquete

O técnico José Neto deixou o comando da Seleção Brasileira feminina. A saída foi comunicada da Confederação, que não revelou mais detalhes sobre a demissão. A equipe está fora de Paris-2024.

Patrick Hamilton/AFP



Tênis

Felipe Meligeni se classificou pela primeira vez à chave principal do Grand Slam de Wimbledon, na Inglaterra, ao bater o americano Maxime Cressy por 3 sets a 2, após mais de 3h de jogo.

David Gray/AFP



Mais tênis

Beatriz Haddad Maia foi eliminada na segunda rodada do WTA de Bad Homburg, na Alemanha, ao ser derrotada pela russa Anna Blinkova, por 2 sets a 0 (6/3 e 7/5). Bia agora foca em Wimbledon.